Capítulo XIII — Causas da conversão

> **Sumário.** Causa eficiente: a graça. — Testemunho de são Cirilo de Jerusalém, de são Gregório Magno, de Cornélio a Lápide. Causas instrumentais. — Na conversão de são Mateus, de Zaqueu, de são Pedro, de são Paulo. — Na conversão de Dimas: a palavra de Nosso Senhor: Pai, perdoa-lhes; a oração da Santíssima Virgem; a sombra de Nosso Senhor. — Citações dos Padres e dos Doutores da Igreja. — Resposta à dificuldade tirada das trevas espalhadas sobre o mundo. — Nosso Senhor moribundo, o rosto voltado para o Ocidente. — Testemunhos da tradição: Sedúlio, são João Damasceno, Beda, Pedro de Natalibus, Spinelli, Molano. — Razões misteriosas dessa posição: eloquentes palavras de Lucas de Tui.

«E eu quando for levantado da terra, todas as cousas atrahirei a mim mesmo», dissera o Salvador. Sim, todas, meu bom Mestre, mesmo os ladrões de estrada. Ele cumpriu a palavra: Dimas é a prova. Mas como foi convertido? Em sua conversão, como nas outras, é preciso distinguir a causa eficiente ou interior e a causa instrumental ou exterior. A causa eficiente é a que produz diretamente a conversão. A causa instrumental é o meio de que Deus se serve como veículo para fazer chegar ao seu fim a causa eficiente.

Posto isso, a causa eficiente da conversão de Dimas, como de todos os pecadores e de todas as pecadoras que viveram, que vivem e que viverão, é a graça. Como defini-la? Dom gratuito, benefício imerecido, luz que ilumina o espírito, moção que toca o coração, encanto que atrai, força que quebra e derruba, princípio divino que, substituindo as inclinações perversas do velho homem pelas nobres afeições do homem novo, cria um novo ser, animado de nova vida, e faz de um pecador um penitente, um justo, um santo: tal é a graça.

Tem a sua fonte na infinita misericórdia de Deus, que nada cansa, nem repele, nem esgota. Aí está o segredo de todas as conversões.[1] Se, pois, perguntarmos a Dimas a causa da sua, responderá como são Paulo: *«Pela graça de Deos sou o que sou»*: *Gratia Dei sum id quod sum*.

Fazendo, se é lícito dizê-lo, a autópsia de sua alma, todos os Padres da Igreja reconheceram a presença desse elemento regenerador.

> *Que poder, ó Ladrão, te iluminou? — exclama são Cirilo de Jerusalém. Quem te ensinou a adorar esse homem desprezado e, como tu, pregado à cruz? Ó luz eterna! sois vós que iluminais os cegos! É, pois, justo que ouças esta palavra: Confia. Não que as tuas obras sejam de natureza a tranquilizar-te, mas a teu lado está o Rei que dá a graça.*[2]

São Gregório Magno fala como são Cirilo.

> *Sobe à cruz, insigne ladrão; vede o que é pela graça quando dela desce. De súbito a graça corre sobre ele: recebe-a e conserva-a em meio às torturas.*[3]

Um douto comentador pergunta: Como foi convertido o bom Ladrão? Responde:

> *Interiormente por uma rara e quase miraculosa moção de Deus e por uma iluminação que lhe revelou a inocência do Cristo, a sua realeza superior e o seu soberano poder, capaz de ressuscitar os mortos; de sorte que o reconheceu como Messias, Filho de Deus e Redentor do mundo.*[4]

A graça: tal foi a causa eficiente da conversão de Dimas; neste ponto não pode haver dúvida alguma.

Mas qual foi a causa instrumental? O Evangelho refere várias conversões súbitas cuja causa instrumental nos é conhecida. São Mateus é um publicano.

> *Que é um publicano? — pergunta são Crisóstomo. É um ladrão patenteado, pior que os ladrões de estrada. Estes ao menos se escondem e coram quando roubam; aquele o faz com impudência.*[5]

E contudo esse publicano torna-se de repente um evangelista. Sim, mas ouviu Jesus dizer-lhe de passagem: *«Segue-me.»*[6]

Zaqueu é outro publicano, talvez mais ladrão do que Mateus; e num instante se torna modelo de arrependimento e de santidade. Sim, também; mas ouviu Jesus que lhe disse: *«Zaqueo, desce depressa: porque importa que eu fique hoje em tua casa.»*

Pedro renegou o seu mestre; e a negação sacrílega está ainda em seus lábios quando o arrependimento faz de seus olhos duas fontes de lágrimas. Essas lágrimas são tão ardentes que cavam dois sulcos em suas faces e tão contínuas que não cessarão de correr até a morte. É assim;

mas Jesus lançou um olhar sobre o apóstolo infiel.

Paulo é um perseguidor encarniçado da Igreja nascente, um lobo rapace, sedento do sangue dos cordeiros de Jesus Cristo; e em menos tempo do que é preciso para dizê-lo, Paulo se torna apóstolo. Tudo isso é ainda verdade; mas Paulo ouviu a voz poderosa que lhe disse: *«Saulo, Saulo, porque me persegues?»* Em todas essas conversões instantâneas vemos a causa instrumental da graça; mas onde achá-la na do bom Ladrão?

> *Ele não vira milagres — diz são Leão; já então cessara a cura dos doentes, a iluminação dos cegos, a ressurreição dos mortos; não conhecia os prodígios que iam rebentar. E, contudo, proclama Senhor e Rei o seu companheiro de suplício.*[7]

Qual foi, pois, para ele, o veículo exterior da graça eficiente? Eis a resposta dos santos doutores. Dimas via com espanto a paciência de Jesus em meio aos seus sofrimentos e aos ultrajes de que era de todos os lados saciado. O espanto de Dimas chegou ao auge quando ouviu Jesus orar por seus carrascos.

> *Essa divina oração — diz o doutíssimo Tito, bispo de Bostra — foi provavelmente a causa instrumental de sua conversão.*[8]

O cardeal são Pedro Damião, bispo de Óstia, acha-a na oração da Santíssima Virgem. Essa divina Mãe começou, ao pé da cruz, o seu ofício de advogada dos pecadores, e sobretudo dos pecadores à beira do inferno. Colocada à direita de seu divino Filho, estava entre ele e o bom Ladrão, entre o juiz e o culpado, entre o Redentor e o escravo. Mãe da misericórdia, pede graça; e a obtém.[9] O padre Raynaud compartilha o mesmo sentimento e o exprime nos mesmos termos.[10]

O célebre João de Cartagena explica tanto a oração da Santíssima Virgem como a misericórdia de Nosso Senhor pelo encontro do deserto.

> *Jesus e Maria, lembrando-se da conduta que Dimas tivera para com eles quando fugiam para o Egito, quiseram recompensá-lo, detendo-o no caminho do inferno e pondo-o na estrada do céu. Maria pediu-lhe a graça, e Jesus a concedeu, com uma magnificência digna daquele que não deixa sem recompensa um simples copo de água fria.*[11]

Outros, entre os quais citaremos apenas o douto Spinelli,[12] acharam a causa exterior da conversão de Dimas na influência da sombra de Nosso Senhor projetada sobre ele no momento em que o Salvador, elevado na cruz, acabava de pronunciar a oração do perdão: *«Pai, perdoa-lhes: porque*

não sabem o que fazem.»

O são Paulo dos tempos modernos, são Vicente Ferrer, refere o seu sentimento e não o desaprova.

> *Pergunta-se — diz — por que, dos dois ladrões crucificados com Nosso Senhor, um se converteu e o outro não. Alguns acham a razão na sombra do braço de Nosso Senhor, que o tocou e o converteu. Apoiam a sua explicação por um argumento a fortiori, tirado da sombra de são Pedro, que curava os doentes, como se vê no capítulo quinto dos Atos dos Apóstolos. Não é, pois, de espantar que a sombra de Nosso Senhor tenha curado a alma do bom Ladrão.*[13]

Cornélio a Lápide faz o mesmo raciocínio para apoiar as palavras de são Vicente Ferrer.[14] Não sabemos, aliás, que só a sombra da cruz curava os doentes?[15]

Essa opinião, que a autoridade de seus defensores torna muito respeitável, supõe que as trevas não começaram imediatamente depois da crucificação da adorável Vítima e que, na cruz, o Salvador tinha o rosto voltado para o Ocidente. Quanto às trevas, o Evangelho diz que se espalharam sobre a terra desde a sexta hora, *ab hora sexta*; mas não diz que foi no começo preciso da sexta hora. Nada, pois, no texto sagrado impede admitir um ligeiro intervalo de luz entre a crucificação de Nosso Senhor e a conversão do bom ladrão. Durante esse intervalo, a sombra do Redentor projetou-se sobre Dimas; e, com a rapidez que convém Àquele que com uma palavra tirou o mundo do nada, essa sombra salutar criou um novo homem, chamando o bom Ladrão do nada do pecado à vida da graça.[16]

Que, na cruz, Nosso Senhor tenha tido o rosto voltado para o Ocidente é tradição três vezes venerável por sua antiguidade, pelos testemunhos que a confirmam e pelos mistérios que a ela se ligam. Já no século V, Sedúlio a cantava em seu belo poema sobre a vida do Salvador.[17] Mais tarde, encontramo-la em são João Damasceno, em Beda, o Venerável, em Pedro de Natalibus, em Spinelli, em Molano e em outros ainda.[18]

Uma das testemunhas mais graves dessa tradição, e ao mesmo tempo o intérprete mais explícito dos mistérios que lhe dizem respeito, é o grande teólogo espanhol Lucas de Tui.

> *Como provam — diz ele — os versos de Sedúlio, quando Nosso Senhor moribundo imprimiu o sinal da cruz sobre o mundo, tinha a cabeça ao Oriente, os pés ao Ocidente, a mão esquerda ao Meio-dia e a direita ao Norte. Essa posição revela a dignidade do hemisfério ocidental. Na cruz o Redentor do mundo tinha o rosto voltado para o Ocidente; para o Ocidente inclinou a cabeça ao morrer. Sacerdote eterno, consagrou, pela imolação de seu corpo e pela efusão de seu sangue, o universo inteiro, mas particularmente as regiões do Ocidente; pois é ali que queria estabelecer, na plenitude do poder, o seu Vigário*

> *encarregado de apascentar as ovelhas e os cordeiros.*

> *Satanás parece ter previsto o estabelecimento dessa inexplicável dignidade e desse poder inimigo do seu. Precipitado das alturas do aquilão, onde quis fixar o seu trono e tornar-se semelhante ao Altíssimo, não se deu por vencido. Roma, edificada nas regiões do Ocidente, tornou-se a sua capital. Não há crimes nem superstições abomináveis com que não tenha maculado essa cidade, que foi o instrumento de sua tirania sobre o mundo inteiro. Nosso Senhor, que subira à cruz para combater o príncipe das trevas e que escolhera Roma por sua cidade de predileção, inclinou para ela a cabeça moribunda, para mostrar que o seu último suspiro ia expulsar de sua fortaleza o Rei e o Deus deste mundo, de quem arrebataria as armas e os despojos de que se gloriava, e cujos altares derrubados se tornariam o pedestal de seu trono.*

> *É ainda para o mesmo clima que foi aberto o lado do Salvador e que correram o sangue e a água: a água destinada a purificar Roma e o mundo maculado por Roma; o sangue, destinado a aquecer Roma e a fazer dessa cidade, rainha das cidades, o foco permanente da ciência divina e da caridade. Para manifestar o seu desígnio e completar a sua obra, o divino Redentor chamará de todas as partes do mundo consagradores, que virão purificar com o seu sangue a cidade do grande Rei.*

> *A Judeia enviará Pedro, chefe do colégio apostólico; a Cilícia, Paulo, apóstolo das nações; a Espanha, o levita Lourenço; todas as outras regiões do globo, inumeráveis mártires. O príncipe dos demônios acumulara em Roma e pusera a serviço de seu culto sacrílego tudo o que havia de melhor na terra: as pedras preciosas, os mármores, a prata e o ouro, despojos da humanidade submetida ao seu império. Mais forte do que ele, o Filho de Deus apoderou-se de seus despojos e os distribuiu a seus apóstolos e a seus mártires, de sorte que tudo o que servira ao culto dos demônios serve à glória da Igreja. Satanás entesourava, mas não sabia para quem entesourava.*[19]

Acrescentemos que a posição de Nosso Senhor na cruz, voltado para o Ocidente, é uma das razões por que os primeiros cristãos oravam voltados para o Oriente. Tais são, segundo o testemunho dos santos doutores, as causas instrumentais ou exteriores da conversão do bom Ladrão. Todas concorreram para esse espantoso milagre? Uma só o operou? Qualquer que seja a resposta, resta admirar a sabedoria e o poder Daquele a quem todos os meios são bons para chegar aos seus fins.

Notas

[1] *In charitate perpetua dilexi te, ideo attraxi te, miserans.* («com amor eterno te amei, por isso compadecido de ti, te attrahi a mim.») Jr 31, 3.

[2] *Quæ virtus te illuminavit, o Latro? quis te docuit adorare contemptum, et simul cruci affixum? O lumen perpetuum, illuminans obscuratos! Ideo et juste audis, confide; non quod opera tua digna sint confidentia, sed quia Rex adest, qui confert gratiam.* («Que virtude te iluminou, ó Ladrão? Quem te ensinou a adorar o desprezado e, ao mesmo tempo, pregado à cruz? Ó luz perpétua, que iluminas os obscurecidos! Por isso também ouves com justiça: confia; não porque as tuas obras sejam dignas de confiança, mas porque o Rei está presente, que confere a graça.») *Catech.*, XIII.

[3] *Ille, qui talis ad crucem venit, ecce qualis de cruce recedit ex gratia; subita repletus gratia, et accepit latro, et servavit in cruce.* («Aquele que tal veio à cruz, eis qual da cruz se retira pela graça; de súbito repleto de graça, o ladrão a recebeu e a conservou na cruz.») *Moral.*, liv. XVIII, cap. XL.

[4] Cornélio a Lápide, *in Luc.* XXIII, 42.

[5] *Quid est telonium?... Iniquitas legis patrocinio fulta: furibus ipsis durior est publicanus... Quid est telonium? Peccatum impudens, rapina occasione destituta, latrocinio deterior; latro dum furatur, saltem erubescit; hic vero cum fiducia prædatur.* («Que é a portagem?... Iniquidade apoiada no patrocínio da lei: mais duro que os próprios ladrões é o publicano... Que é a portagem? Pecado impudente, rapina sem ocasião que a limite, pior que o latrocínio; o ladrão, enquanto furta, ao menos enrubesce; este, porém, saqueia com confiança.») *De Chananæa*, *Opp.*, t. III, p. alter., p. 518, n.º 2.

[6] Ibid.

[7] *Non viderat prius acta miracula: cessaverat tunc languentium curatio, cæcorum illuminatio, vivificatio mortuorum; ea ipsa quæ mox erant gerenda non aderant: et tamen Dominum confitetur et Regem, quem videt supplicii sui esse consortem.* («Não vira antes os milagres realizados: tinha cessado então a cura dos enfermos, a iluminação dos cegos, a vivificação dos mortos; as próprias coisas que logo iam realizar-se não estavam presentes: e, contudo, confessa Senhor e Rei aquele a quem vê ser companheiro de seu suplício.») Serm. II, *De Pass.*

[8] *Exordio ab oratione illa Domini facta, per hanc enim probabile fit alterum latronem ad compunctionem, cordisque contritionem pervenisse.* («Começando por aquela oração feita pelo Senhor; por ela, com efeito, torna-se provável que o outro ladrão tenha chegado à compunção e à contrição do coração.») Tito de Bostra, *in Luc.* XXIII.

[9] *Beata Virgo quæ adstabat Christo crucifixo ex parte dextra, ubi aderat latro, pro eo preces fudit, et propterea fuit conversus.* («A bem-aventurada Virgem, que estava de pé junto a Cristo crucificado, do lado direito, onde estava o ladrão, derramou preces por ele, e por isso foi convertido.») Em Salmeron, liv. X, trat. 40, *De septem verbis*.

[10] Cap. VI, n.º 13.

[11] *Christus ergo volens rependere latroni hoc beneficium in se et matrem collatum, interiorem sui notitiam exhibuit.* («Cristo, pois, querendo retribuir ao ladrão esse benefício prestado a si e à mãe, concedeu-lhe o conhecimento interior de si.») João de Cartagena, *De sept. verb.*

[12] Liv. *de Deipara*, cap. XXV, n.º 4.

[13] *Quæstio quare de duobus latronibus cum Christo crucifixis, unus fuit conversus, et non alius? Rationem quidam assignant de umbra brachii, quæ ipsum tetigit, et convertit auctoritas, quæ per locum a minori de umbra Petri, quæ sanabat infirmos, ut patet Actorum quinto. Non mirum ergo si umbra Christi sanavit animam latronis.* («Pergunta-se por que, dos dois ladrões crucificados com Cristo, um se converteu e o outro não. Alguns assinalam a razão na sombra do braço, que o tocou; e confirma-o a autoridade, por argumento *a minori*, da sombra de Pedro, que curava os enfermos, como consta nos Atos, capítulo quinto. Não é, pois, de admirar que a sombra de Cristo tenha curado a alma do ladrão.») Serm. *in Parasc.*

[14] *In Act.* V, 15. («Sobre Atos 5, 15.»)

[15] *Non minus quam umbra crucis refossæ ægrum sanavit, auctore Alexandro Monacho.* («Não menos do que a sombra da cruz desenterrada curou um enfermo, segundo o autor Alexandre Monge.») Em Teófilo Raynaud, *Metamorph.*, etc., cap. IV.

[16] *Quia ab hora sexta tenebræ terris offusæ sunt, et ante eas tenebras Christus latroni jam converso, Paradisum spopondit, ut ex Matthæi narratione aperte discimus, fatendum consequenter est, latronis conversionem, ut diserte ait S. Epiphanius, libro De Numeris, § 4, perfectam fuisse hora sexta, id est intra breve illud tempus quod tertia exeunte et ineunte sexta continetur; atque adeo intra dimidiam horam.* («Porque desde a hora sexta as trevas se espalharam sobre a terra, e antes dessas trevas Cristo prometeu o Paraíso ao ladrão já convertido, como claramente aprendemos da narração de Mateus, deve-se confessar, por conseguinte, que a conversão do ladrão, como diz claramente santo Epifânio, no livro *De Numeris*, § 4, se completou na hora sexta, isto é, dentro daquele breve tempo que se contém entre o fim da terceira e o começo da sexta; e, portanto, dentro de meia hora.») Raynaud, cap. IV, p. 482, n.º 3; assim Maldonado, *in Matth.*, XXVII, n.º 47; Toleto, *in Joan.* XIX, anot. 9; Suárez, t. II, parte 3, disp. 40, etc.

[17] *Splendidus auctoris fulget de vertice Eous. Occiduo sacræ labuntur sidera plantæ, Arcton dextra tenet; medium læva erigit axem. Cunctaque de membris vivit natura Creantis Et cruce complexum Christus regit undique mundum.* («Do cimo do Autor resplandece o esplêndido Oriente. Aos pés sagrados deslizam os astros no Ocidente; a destra mão tem a Ursa, o Norte; a esquerda ergue o eixo do meio, o Sul. E toda a natureza vive dos membros do Criador, e Cristo, abraçado na cruz, rege por toda parte o mundo.») *Carm. Pasch.*, liv. V.

[18] Citemos somente o testemunho explícito de são João Damasceno: *Dominus, cum in cruce penderet, ad Occasum prospiciebat; eoque nomine ita adoramus, ut eum obtueamur.* («O Senhor, quando pendia na cruz, olhava para o Ocidente; e por isso assim adoramos, para o fitarmos.») *De fid. orthod.*, liv. IV, cap. XIII; *in Luc.* XXIII; *Catalog. SS.*, liv. III, cap. CXXVIII; *De SS. Imagin.*, liv. IV,

cap. IV.

[19] Lucas de Tui, *Adv. Albigens. errores*, liv. II, cap. XII, p. 226; *Biblioth. Max. PP.*, t. XXV, *in-fólio*, Lyon, 1677. Ver também Gretser, *De Cruce*, liv. I, cap. XXVI.

Revision #1
Created 25 November 2026 00:40:01 by Admin
Updated 25 November 2026 00:40:02 by Admin